

**A GESTUALIDADE NA OBRA DE EDITH DERDYK:
DA LINHA AO LIVRO DE ARTISTA**

**THE GESTUALITY OF EDITH DERDYK'S ART:
FROM THE LINE TO THE ARTIST BOOK**

Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini / UNESP

RESUMO

Nesse artigo busco explicitar a forte gestualidade de Edith Derdyk em seu processo criativo, além de explorar suas referências visuais, textuais, materialidades trabalhadas, suportes e possíveis diálogos entre eles. A artista pesquisa o Livro de Artista em sua poética, pensando essa mídia de diversas formas, transitando entre os territórios da visualidade, da palavra, do desenho. Derdyk é muito inquieta em relação aos diferentes materiais disponíveis para trabalhar sua expressividade, mantendo um olhar curioso perante as possibilidades que cada um oferece para melhor traduzir seus anseios. A linha vem como fio condutor de sua pesquisa visual, sempre presente em sua criação: faz uso da linha bidimensional no desenho, tridimensional na costura e nas instalações onde estica as linhas no ar, finalizando com a escrita, na quarta dimensão, o tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Livro de artista; linha; palavra; imagem.

ABSTRACT

In this article I seek to make explicit Edith Derdyk's strong gestuality in her creative process, as well as to explore her visual references, textual references, worked materialities, supports and the dialogues between them. The artist searches the Artist Book in her poetics, thinking about this media in different ways, transiting between the territories of visuality, word, and drawing. Derdyk is very restless about the different materials available to work on his expressiveness, keeping an insightful look at the possibilities that each one offers to better translate their desires. The line comes as the guiding thread of the artist's visual research, always present in her creation: she makes use of the two-dimensional line in the drawing, three-dimensional in the sewing and in the installations where she stretches the lines in the air, ending with writing in the fourth dimension, the time.

KEYWORDS: Artist book; line; word; image.

Introdução

Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado *Palavra e Imagem: Possíveis Diálogos no Universo do Livro de Artista*. Para conduzir essas reflexões foi usada a produção de artistas que trabalhem com Livros de Artista em suas poéticas, sendo Edith Derdyk uma dessas escolhas.

Começo abordando alguns conceitos sobre Livro de Artista, explicitando a relação palavra e imagem que existe nessa mídia; para depois apresentar a artista e seu universo criativo, explorando como ocorre seu fazer artístico, desvelando sua busca, refletindo sobre sua caminhada.

Livro de artista

Nos Livros de Artista, antigas formas de expressão são retomadas com novos contornos. Essas obras ultrapassam as fronteiras atribuídas aos livros de leitura e se tornam objetos de arte, representando uma nova linguagem, entre o linear e o visual, entre a palavra e a imagem; os conhecimentos extrapolam a leitura textual e são potencializados com a visualidade e vice-versa.

A palavra passa a ser trabalhada como elemento plástico, sua visualidade é levada em conta, trazendo novas significações e leituras. Palavras e imagens dialogam, ocorrendo a fusão entre códigos, sendo que o elemento visual funde-se conceitual e visualmente com as palavras. Essas são relações recorrentes no Livro de Artista, podendo ocorrer de diversas maneiras.

Segundo o pesquisador Paulo Silveira

[...] pelos seus insumos materiais e pela sua variedade temática, a categoria Livro de Artista é uma categoria mestiça, instaurada *a posteriori* a partir da apropriação de objetos gráficos de leitura. É uma categoria definida por sua mídia e não por sua técnica. Ela abarca desde o livro até o não-livro (SILVEIRA, 2008, p.16).

Não necessariamente precisa ser um livro; basta ele ser o referente. A estrutura livro passa a ser capturada pela estrutura plástica, nascendo uma nova forma expressiva.

O artista se apropria da forma e a da configuração do livro para exprimir suas ideias, explorando o potencial do veículo, testando seus limites; mantendo página, sequência, texto, ilustração, impressão ou tornando-o quase escultórico, apenas se

parecendo com um livro. A página do livro é matéria expressiva, um local plasmável por sua interação positiva com o verbal e o visual; pode ser “rasgada, furada, colada, feita, desfeita ou refeita, por mutilação ou reciclagem” (SILVEIRA, 2008, p. 23).

Alguns artistas trabalham estas experimentações usando a temática dos componentes visuais do livro, construindo obras ligadas às evidências plásticas e volumétricas; outros exploram a fusão das artes e técnicas variadas ou resgatam componentes estéticos puros, como forma, linha, cor e volume, não dirigidos para a representação da realidade, sempre pensando nessas experiências como maneiras de ampliar olhares e significados dentro de seu processo de criação da obra.

Livro de Artista pode designar tanto a obra, como a categoria artística. A total concepção é pensada pelo artista, de maneira que todos os aspectos do livro participem de sua significação, por isso é considerado uma obra no sentido pleno do termo. Sua execução pode ser apenas parcialmente realizada pelo artista, possibilitando que haja colaboração interdisciplinar.

No Livro de Artista é trabalhada a sequência de espaços (as páginas) e o tempo que o leitor usa para manuseá-las, estabelecendo uma relação entre objeto e fruidor. Segundo Carrión (2011, p. 5), um livro é uma sequência de espaços, de momentos. Um livro é uma sequência de espaço-tempo.

O Livro de Artista explora sempre as características estruturais do livro, sendo a soma de todas as páginas percebidas em momentos diferentes. As páginas funcionam como espaços ativos para a construção da obra, fazendo parte do processo poético, uma vez que podem gerar significações próprias. Os artistas trabalham em função da espacialidade, questionando o material proposto.

Esta forma de expressão artística usa suas qualidades para desafiar o leitor a criar novas formas de leituras, ocorrendo uma experiência interativa. O leitor completa a obra, havendo assim um diálogo entre artista e observador. Sendo necessário um olhar sem barreiras para usufruir, entender e consumir essa obra; onde ocorre um deslocamento da orientação do visual (leitura verbal) para o tátil.

Livros de Artista não se prendem a padrões de forma ou funcionalidade, são obras raras, únicas ou com pequenas tiragens. São objetos de percepção visual, verbal, tátil, objeto poético, suporte de experimentações.

Delineando a artista

Meu interesse pela obra de Edith Derdyk veio a partir de sua forte relação com a palavra e a imagem, e sua pesquisa dentro do universo do Livro de Artista. Possui uma obra reconhecida no Brasil e no exterior, além de diversas premiações; em 2013, os Livros de Artista *Desenhos* (2007), *Dia Um* (2010) e *Averso* (2012) foram selecionados para fazerem parte do acervo do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

A palavra é sempre muito presente em sua obra, onde aparece como texto ou como imagem. Gosta muito do objeto de leitura Livro, por isso, a recorrência desse suporte em suas produções. Produz, cria, risca, rabisca, rascunha, escreve, tece, textualiza, criando uma nova arte, um novo objeto. A presença do Livro de Artista em seu processo criativo ocorre há muito tempo; a artista investiga esse suporte de diversas formas, transitando entre os territórios da verbal e do visual, explorando diferentes possibilidades de representação, gerando obras com grande valor artístico e cultural.

Durante a pesquisa foi feito um levantamento de sua produção de Livros de Artista, relacionando com sua poética, entrelaçando palavra e imagem, pensando nas fronteiras e transbordamentos entre as linguagens e, observando o diálogo existente nessas obras.

Seu percurso desenvolve-se a partir de diversas linguagens, como o desenho, a gravura, o Livro de Artista, vídeo, fotografia, instalação, sendo que a linha faz parte do seu núcleo poético. Para Derdyk, o desenho é sempre o ponto de partida e o campo de chegada de suas produções, é a matriz e energia motriz de seu traçado. Afirmo que tem uma relação quase biológica com o ato de desenhar.

Encontra prazer na ação de ir e vir, preenchendo superfícies, da folha, do tecido, do espaço. Sua obra provoca uma reflexão sobre como entendemos a espacialidade e como o desenho extrapola o papel, virando costura, que rasga, suspende e reestrutura o espaço. A artista considera-se uma costureira, tal a importância da

linha em sua obra, linha que “desenha, modula, modela, territorializa o espaço e convoca temporalidades” (DERDYK, 2018, p. 2).

Na ponta do lápis, aparece a linha bidimensional; a tridimensional surge de suas costuras e instalações onde centenas de metros de linhas são esticadas no espaço; a escrita surge como a linha na quarta dimensão, o tempo. Costura artisticamente, como procedimento artístico, estético; costura pensamentos, materiais, palavras.

A linha na obra de Derdyk está presente tanto no desenho pictórico, como na instalação, em forma de linha escultórica. A natureza da linha é muito ambígua para a artista, por um lado é traço, expressão da matéria do corpo, do sensível, do digital, e por outro lado é conceitual, mental, abstrata.

Essa ação de rabiscar, desenhar reproduz-se em suas instalações; no momento em que estica linhas pelo espaço, realiza uma ação física, permanecendo presente a ação de desenhar. Suas linhas transcendem a questão da figuração, surgindo uma linha que vai além do representacional.

A forma resultante dessas linhas em sua obra é inesperada, a artista nunca sabe como ficarão os fios que estica no espaço ou as linhas que se formam na sobreposição dos papéis, pois são resultantes de forças, equilíbrio, da relação com a matéria e com o espaço. Derdyk está mais interessada na experiência da ação do que na representação final.

Esse incessante ir e vir passou a extrapolar o papel, que não conseguia mais abarcar seus registros, então começou a pesquisar outras superfícies para seus estudos de desenho. Nos tecidos, observou espessuras, recortes, até chegar à costura, e à ação poética e construtiva do ato de costurar. Panos, tecidos, tramas, cheia de linhas, onde cada um tem um desenho próprio de acordo com sua textura.

Explorando outras possíveis matérias para entender a linha, encontrou o plástico. A costura sobre este material mole, frágil era sem controle, tornando o percurso do desenho quase autônomo, onde caminhos próprios desenhavam-se; a linha e plástico foram tomando corpo, virando um objeto (**Casulo**).



Figura 1: Casulo, 1997.

Fonte: Vídeo Museu Vivo / Edith Derdyk

Continuando sua busca para entender como a linha forma corpo, trabalhou com papel de seda, explorando suas especificidades, descobrindo a característica de cada suporte, resistências e vontades. Até que o papel se rompe, então usa colagens, sobreposições; o papel deixa de ser suporte para ser espaço, e a artista passa a pesquisar a delicadeza do papel e a independência dos fios. Suas costuras foram criando volume, aglomeração, acúmulo de linha sobre linha.

Seu desenho, que começou como percurso da linha no papel, passou a fazer o percurso da linha no espaço, surgindo por volta de 1997, suas primeiras instalações, ou “atos de espacialização” (DERDYK, 2018, p. 2); quando começou a construir as linhas no espaço com fios, usando seu corpo como o instrumento para desenhar no ar; realizando trabalhos efêmeros, transitivos e transitórios, tornando o fazer e o desfazer elementos constitutivos da obra, sendo necessário o registro desses resíduos poéticos.

Entre linhas, palavras, imagens, papéis

Derdyk explicita que sua aproximação com o Livro de Artista surgiu dos diálogos com suas experimentações artísticas e do intenso convívio com seus Cadernos, verdadeiros diários poéticos que consistiam em anotações, observações, desenhos, ideias, registros de pensamentos feitos em diferentes linguagens.

Seu trabalho é marcado pelo desenho, pela linha, por papéis e livros, onde explora as diversas possibilidades da relação com o objeto livro, sempre evidenciando a natureza desses materiais. A exploração da plasticidade dos componentes físicos de livros passou a ser um tema recorrente em sua obra.

Aos poucos, a artista tomou consciência que os registros de suas instalações tornavam-se novas poéticas, surgia outra obra, sendo necessário pensar uma estrutura física, uma forma; assim nasceu **Rasuras**, como um livro-mesa com dois metros e meio de comprimento, costurado ao meio em cima de uma mesa, para que as imagens pudessem ser articuladas entre elas.

A linha desamarra e se desarma em folhas dobráveis, como se o livro pudesse conter o labirinto do infinito, imensurável. Um novelo de lã: cada fio estendido, camadas e sobreposições de leitura e composições vertem sobre si outras dobras de sentido. O livro é espécie de caminhada: discurso e percurso em movimento. Quando se abre um livro, um tempo é inaugurado – seja o tempo da narrativa ou o tempo de folhear suas páginas, tal como uma partitura coreográfica (DERDYK, 2018, p. 15).

Este Livro de Artista deveria ser manipulado para que narrativas fossem construídas, havendo assim uma relação tempo e espaço, transformando-o em um livro sem fim; a partir da manipulação, do jogo combinatório, haveria sempre a criação de novas formas. Em **Rasuras** ocorre justaposições não lineares, de tempo e espaços. Através de imagens de linhas esticadas, sobrepostas a de linhas cortadas, da instalação montada, com imagens do processo de montagem e desmontagem, formando assim, construções narrativas não ordenadas. O livro permite a reconstrução de narrativas espaço-temporal, através de imagens experimentadas como palavras.



Figura 2: Rasuras (Livro de Artista), 2002 (tiragem única).
Fonte: <<http://cargocollective.com/edithderdyk/Livros-de-Artista>>.

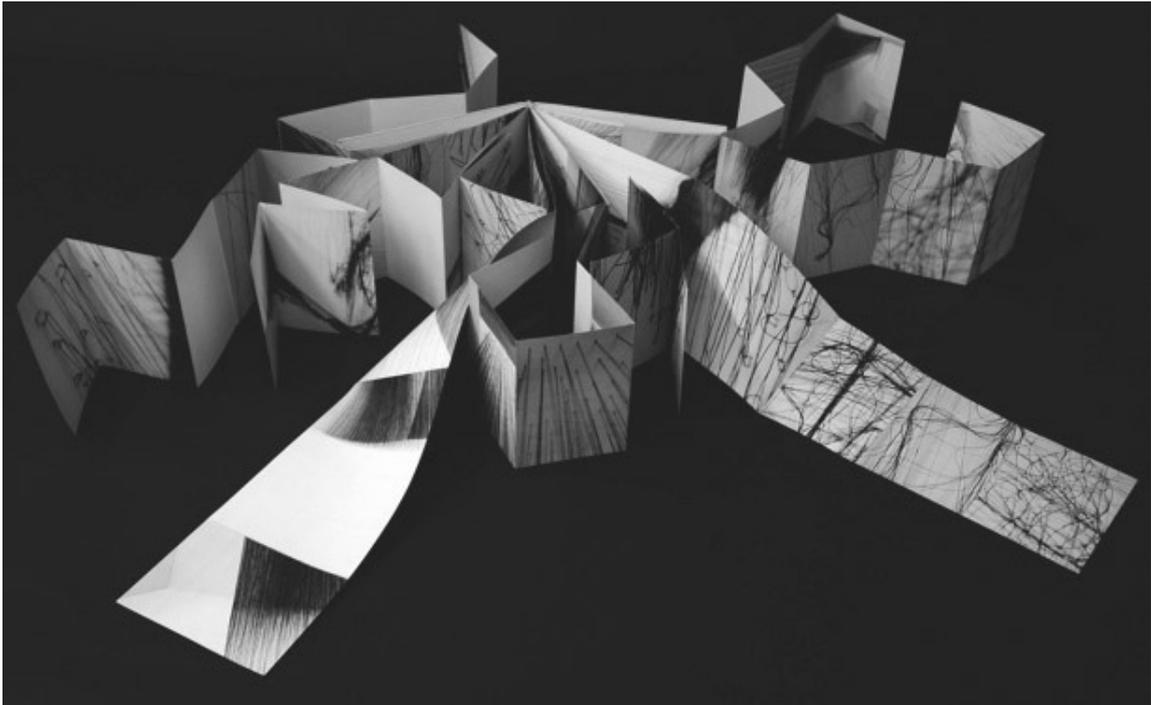


Figura 3: Rasuras (Livro de Artista), 2002.
Fonte: <<http://cargocollective.com/edithderdyk/Livros-de-Artista>>.

Derdyk possui um olhar sensível em relação às linhas que estão em seu entorno, linhas que estão na cidade, nas fiações, que passam segredos, mensagens, informações, gerando encontros, desencontros; e também às linhas internas, do seu trabalho, do seu espaço. A partir do registro fotográfico das fiações elétricas, dos postes de rua e dos vestígios e fragmentos de linhas existentes na parede do seu atelier, o livro **Fiação** foi concebido, ocorrendo uma sucessão de imagens, rastros, justaposições.

A artista passou a fotografar as linhas do mundo, trabalhando neste Livro de Artista conexões e desconexões, continuidades e descontinuidades das linhas que percorrem a geografia das cidades. Construindo a relação entre imagens e linhas, gerou uma continuidade espaço-tempo; relacionou interior e exterior, atelier e cidade. Camadas de significados são reconstruídas em cada página, surgindo os grafismos urbanos capturados pela sensibilidade de Derdyk.

Esse livro pode ser manipulado, recriando relações, leituras e narrativas, imaginando combinações infinitas. O livro concretiza-se quando é aberto pelo fruidor, que inaugura o tempo no ato de manusear. A partir da primeira formação da ideia de livro, o **Códex**, poderia imaginar combinações, infinitas, das linhas da cidade.

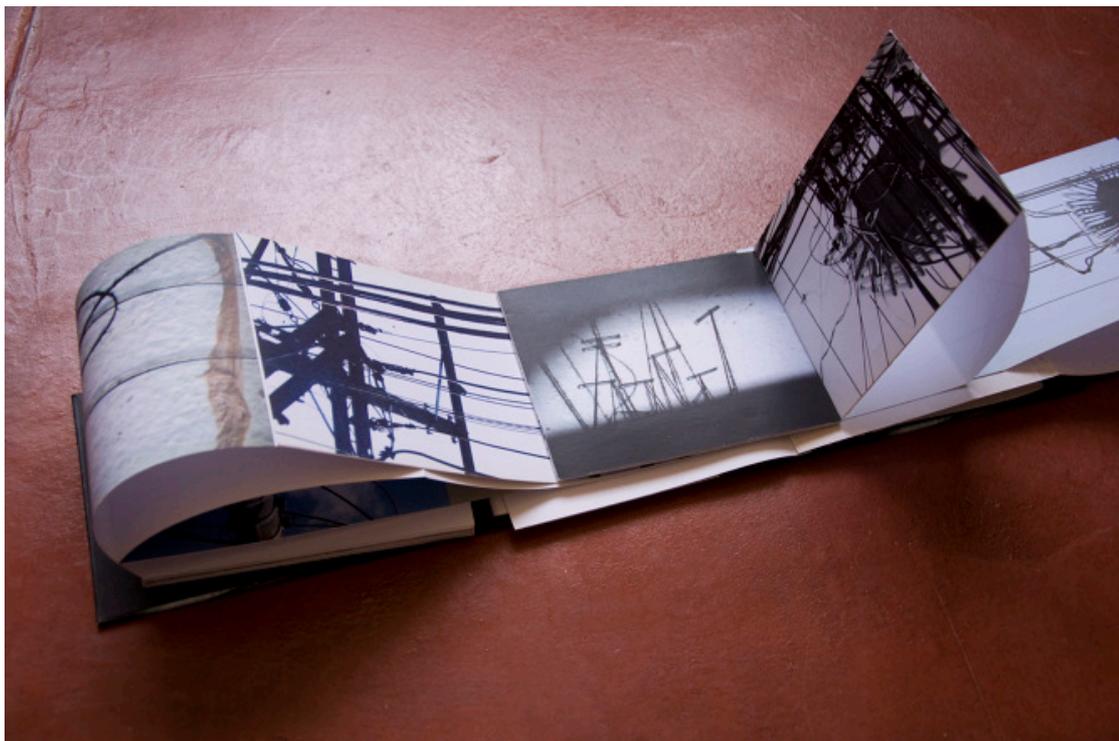


Figura 4: Fiação (Livro de Artista, Edições A, 2004).
Fonte: <<http://cargocollective.com/edithderdyk/Livros-de-Artista>>.

Se o mar inteiro sob o leito de um rio é um livro de parede onde a artista trabalhou procedimentos de repetição, criando linhas imaginárias que, se deslocam na folha de papel em branco. Versos atravessam o pensamento e inscrevem-se, sobre o papel, formando uma massa gráfica escura. Linguagem fluida, transformadora, onde substantivos, adjetivos e advérbios relacionados com a água, formam uma poesia visual.

Ocorre uma busca pela justaposição de versos e pensamentos.

O suporte é a linguagem, porque não só é a base do texto, mas também, um volume plástico, a própria obra. Fazendo com que a artista realizasse uma aproximação maior do conceito do livro-objeto, ocupando o espaço tridimensional, como em uma instalação. Neves pontua que, nessa obra Derdyk

apresenta uma narrativa guiada pelos tempos dos fluxos de pensamento. Os versos e os conteúdos apresentam-se plástica e conceitualmente em movimentos de ir e vir e justapõem-se num espaço horizontal da página, criando suspensões narrativas (NEVES, 2013, p. 81).

A metáfora do movimento das águas se realiza o tempo inteiro, indo e vindo, falando e não falando, a onda do mar em um movimento de vai e vem. As palavras cruzam o livro todo, vazando ou retendo-se, em momentos diferentes.

Temos a presença do verbal, mas esse texto aparece como imagem, as palavras perdem seu sentido semântico, tornam-se signos visuais, livres de seus conteúdos e significados verbais. Palavra que vira imagem.

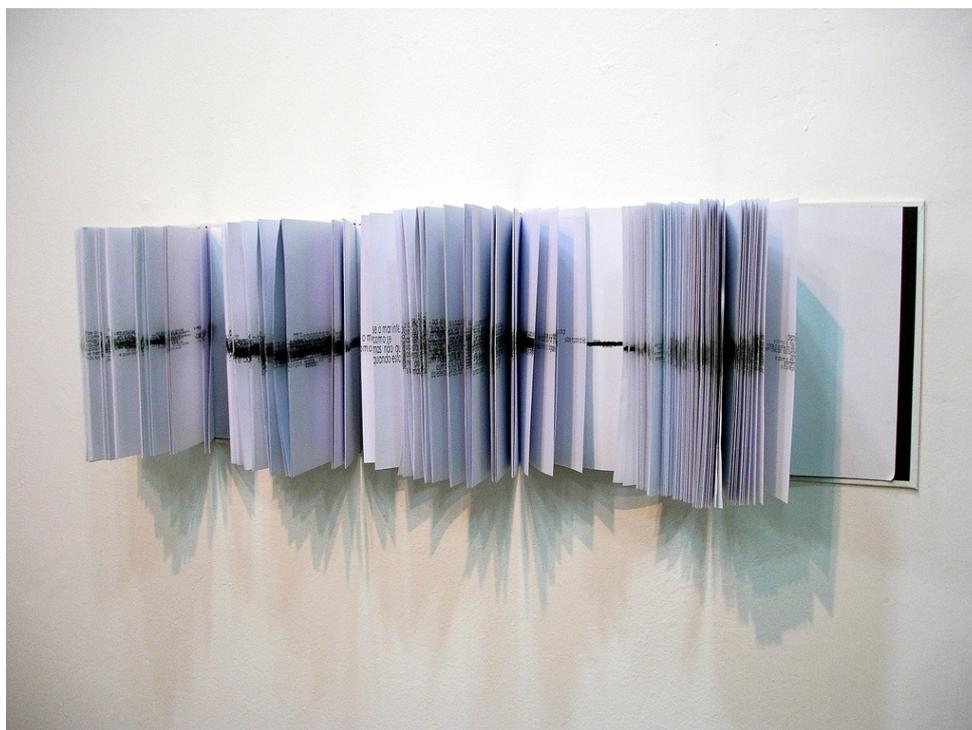


Figura 5: Se o mar inteiro sob o leito de um rio, 2008.

Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/ateliersubterranea/2759684021>>.

Tecer está na origem de texto (em latim, a palavra texto significa *texo*, *texere*, *textum*), costurando relações entre texto e tessitura, sendo esse mais um desdobramento de seu trabalho.

Essas inquietações levaram-na a estudar a origem da palavra, onde tudo começou. Desde 2009, começou uma pesquisa que teve como ponto de partida a leitura de *Bere'shit: a cena da origem* (1993), tradução, que o poeta concreto Haroldo de Campos realizou da *Gênese* e do *Livro de Jó*. Tanto a natureza imagética dos versos bíblicos quanto a transcrição feita por Campos, impulsionaram seu trabalho e investigações.

Como resultado dessas leituras, a artista desenvolveu o Livro de Artista **Cópia: Dia Um**. Gerou imagens que refletiam sobre o primeiro dia de criação, para isso fotografou diversas páginas iniciais de Bíblias diferentes, página que narra a criação do mundo.

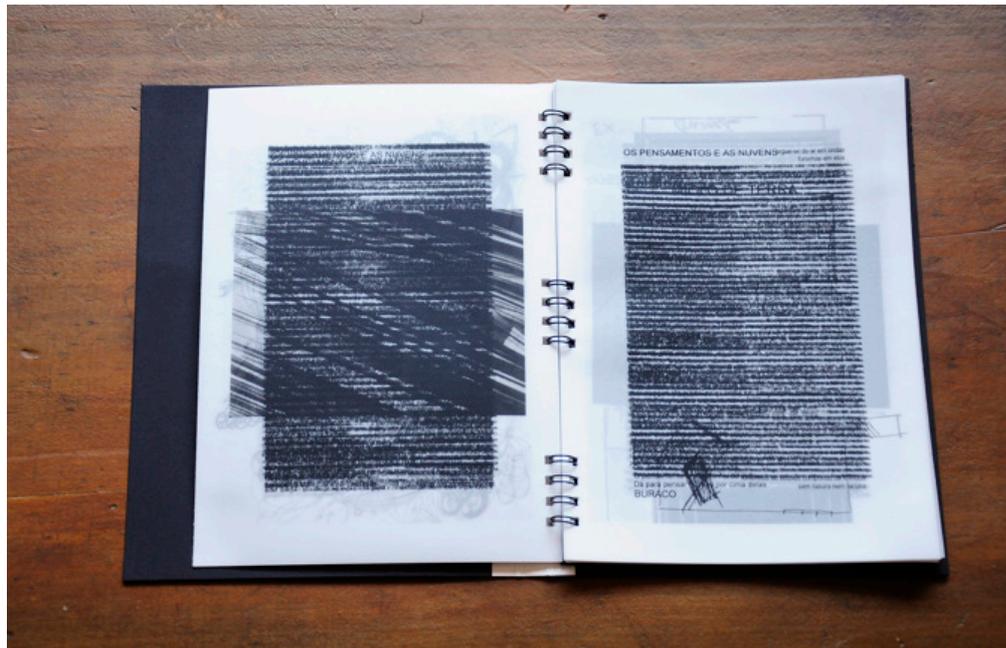


Figura 6: Cópia: Dia um, Edições A., 2010.
Fonte: <<http://cargocollective.com/edithderdyk/Livros-de-Artista>>.

A artista vai buscar essa página em todas as línguas possíveis. Dessacralizando o discurso da religião. Investigando o momento inaugural do uso da palavra, na história da humanidade, onde o verbo começa a nomear e distinguir as coisas.

Em 2012, residiu por dois meses na Biblioteca José e Guita Mindlin, do Centro da Cultura Judaica. Durante essa estadia refletiu sobre a palavra e as escrituras sagradas, construindo toda a base conceitual da obra *Tábula*, que surgiu a partir dos experimentos e estudos realizados nessa residência. Desenvolveu e criou a instalação **Notações Coreográficas**, com pilhas de bíblias perfuradas, unidas por metros e metros de fios, tecendo espaços.



Figura 7: Notações Coreográficas, 2012.
 Fonte: <<http://www.edithderdyk.com.br/>>.

Na instalação **Metragem**, a artista pretendia discutir a linha, tanto como vetor de força e campo gráfico, aproximando o mundo têxtil (relação com o bairro Bom Retiro, como setor têxtil) e o mundo do livro, ao buscar a origem da palavra texto. Segundo Derdyk¹, as atividades de tecer e escrever estão intimamente ligadas (texto, do verbo latino *texere*, significa tecer). A obra possui a mesma natureza fluida e tensa, que habita a linha, seja ela, o fio que vai configurar tramas para os tecidos, ou a linha da escrita que constrói palavras.

Sua linha risca, cria limites, barreiras e fronteiras ao corpo, porém também une superfícies. Linha estendida no espaço para ser a expressão de uma linguagem, e não apenas linha. A artista deixa a linha guiar sua trajetória, respeitando seu caminhar, seu percurso, e assim vai preenchendo esse espaço, fazendo o volume, construindo a obra. As linhas atravessam o espaço do desenho, definindo entre si novos espaços.

NANNINI, Priscilla Barranqueiros Ramos. A gestualidade na obra de Edith Derdyk: da linha ao livro de artista, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3002-3016.



Figura 8: Metragem, 2011. Sesc Bom Retiro, exposição Lições da Linha.
Fonte: <<http://www.edithderdyk.com.br/>>.

A experimentação, em relação ao espaço, varia conforme a forma como esse é percebido, e do modo como podemos nos relacionar com ele. A artista circula, tanto no campo dos Livros de Artista, quanto das instalações; Derdyk pode ocupar o espaço de um ambiente, tratando o mesmo, como a página (espaço interno) do livro.

A linha de sua obra parece escapar do plano do papel para projetar-se no espaço, criando a sensação de um grande livro aberto, com suas linhas desenhando ou tecendo o espaço. A repetição da linha é presente nessa obra, acúmulo de linha sobre linha, linha tecida, linha escrita, linha que se tridimensionaliza no espaço.

Em cada obra realizada, vai ficando mais clara a ideia de como a artista relaciona-se em determinados espaços, conforme suas dimensões, e de acordo com a percepção que deseja atingir. Independente do suporte trabalhado, todos são lugares potentes para expressar sua linguagem.

Considerações

Ao pesquisar a obra dessa artista e vivenciar seu processo poético, ficou claro que ela sempre revisita-se, percorrendo sua obra com novos olhares, buscando outras

significações. Derdyk retoma uma ideia, aprofundando-a, retrabalhando-a, gerando leituras, processos e resultados igualmente novos.

A artista tem muita clareza de sua pesquisa visual. Explora a linha no espaço em várias situações e lugares, expandindo ao máximo suas investigações, seja suspendendo matérias, seja construindo espaços no ar.

Derdyk materializa ideias e pensamentos através do experimentalismo de materiais, formas e suportes, sempre integrando palavra e imagem, propondo novas configurações e significados. Em suas produções, o leitor é desafiado a criar novas formas de leituras para que a obra se complete. Suas imagens permitem incontáveis camadas de significações, formando muitas relações e narrativas.

A materialidade do livro é trabalhada constantemente de forma sensível, tornando-o um elemento poético, não mais suporte para sua obra, mas a obra em si.

Suas buscas, estudos e pesquisas levaram-na a diversos procedimentos artísticos, um entrelaçando-se no outro, sempre em continuidade. Vejo sua produção como um grande tecido, aonde cada parte vai sendo, pouco a pouco, entrelaçada, formando uma tessitura, completando-se e resignificando-se.

Notas

¹Depoimento a Angélica de Moraes, artigo A arte que nasce do papel (2012). Disponível em: <http://www.edithderdyk.com.br/portu/depo2.asp?flg_Lingua=1&cod_Depoimento=50>. Acesso em: 8 out. 2015.

Referências

CARRIÓN, Ulises. *A nova arte de fazer livros*. Trad. Amir Brito Cadôr. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

DOCTORS, Marcio. "A fronteira dos vazios", In: *Livro-objeto, a fronteira dos vazios*. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.

DERDYK, Edith e ALVAREZ, Ruth (org.). *Edith Derdyk: de 1997 a 2017*. São Paulo: Edições A, 2018.

_____, Edith (org.). *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

_____, Edith. *Linha de costura*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2010.

_____. *Site da artista*. Disponível em: <<http://cargocollective.com/edithderdyk/Livros-de-Artista/>>. Acesso em 10 mai. 2018.

FABRIS, Annateresa e COSTA, Cacilda Teixeira da. *Tendências do Livro de Artista no Brasil*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.

NEVES, Galciani. "Entre páginas e não páginas: breve inventário de livros de artista". In: DERDYK, Edith (org.). *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013, p. 61-90.

SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. *Palavras e imagens em livros de artista*. Belo Horizonte: Revista Pós, 2012.

Vídeo Museu Vivo: *Edith Derdyk*. Documenta Vídeo Brasil / Sesc TV. Direção: Cacá Vicalvi. Ano de Produção: 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SYP3gacfIM8>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini

Doutora em Artes (2016) pelo Instituto de Artes da UNESP, lecionando no Colégio São Domingos e na Escola Projeto Vida. Arte-educadora, pesquisadora e artista visual, desenvolvendo uma poética própria em busca da expressividade artística. Faz parte do grupo de pesquisa Arte Construtiva Brasileira e Poéticas da Visualidade, sob orientação do prof. Dr. Omar Khouri (UNESP) e do grupo de estudo Produções Literárias e Culturais para crianças e jovens, coordenado pela profa. Dra. Maria Zilda Cunha (USP).